

línguas. Este último factor surpreendeu-nos dada a importância do Algarve como destino turístico internacional.

5.3. As Ruínas de Milreu

ENQUADRAMENTO LOCAL

As ruínas situam-se junto de Estói, no concelho de Faro e, foram classificadas como Monumento Nacional em 1932. Actualmente encontram-se sob a tutela do IPPAR. As estruturas correspondem aos vestígios de uma *villa*, constituída por um conjunto de áreas habitacionais, termas, um santuário e estruturas funerárias. A origem desta *villa* enquadra-se no crescimento económico verificado durante o século I na Lusitânia.

A informação específica que a população possui acerca do sítio, pode considerar-se quase nula já que, durante o nosso percurso até às Ruínas de Milreu, deparamos com o desconhecimento da existência de vestígios romanos em Estói.

A envolvência do monumento é afectada não só pela circunstância de se encontrar rodeado de pequenas indústrias como também pelo facto de se observarem detritos e terras removidas de trabalhos arqueológicos recentes



Figura n. ° 165: Envólúncia das Ruínas Romanas de Milreu

Os Acessos

Faz-se pela Via do Infante seguindo depois a placa que nos indica Faro/Estói, mas não entramos na cidade de Faro pois o nosso rumo é em sentido contrário. Percorremos uma estrada alcatroada, em condições razoáveis, onde não há qualquer placa direccional, confirmando se vamos na direcção certa. Depois de algumas perguntas em cafés, dispersos

pelos montes conseguimos, finalmente, encontrar uma placa que nos indicava a aldeia de Estói. Chegados a Estói, não conseguimos, mais uma vez, encontrar qualquer indicação para o sítio arqueológico, o que nos fez recorrer, novamente, à população. Conseguimos, finalmente, alcançar o sítio propriamente dito que oferece boas condições de acolhimento e de estacionamento. Apenas à entrada do monumento, encontrámos uma placa assinalando o arqueossítio das Ruínas de Milreu. A pequena placa que identifica a *villa*, tem uma breve resenha histórica acompanhada de fotografias e complementada com uma planta do sítio. Desta placa consta também o horário de funcionamento.

O Centro de Acolhimento e Interpretação, possui, na nossa perspectiva, excelentes condições, à semelhança dos sítios arqueológicos de Miróbriga ou de São Cucufate, em Santiago do Cacém e Vidigueira, respectivamente. No início do percurso exterior, existem rampas pensadas para responder às necessidades específicas de determinado perfil do turista/visitante; no entanto, terminam ao chegarmos ao circuito. Assim sendo, os turistas de mobilidade reduzida só poderão entrar no Centro de Acolhimento e Interpretação, e em parte do circuito interno, tornando-se demasiado complicado a observação do mesmo.



Figuras n.º s 166 e 167: Os acessos internos das Ruínas de Milreu.

O percurso, encontra-se devidamente delineado e sinalizado, sem suscitar problemas de orientação.

O CENTRO DE ACOLHIMENTO E INTERPRETAÇÃO

O edifício de desenho moderno, comunga perfeitamente com os vestígios arqueológicos. Ao entrarmos na infra-estrutura fomos recebidos por dois recepcionistas que se disponibilizaram para clarificar alguma dúvida. Foi imprescindível a compra do leaflet por 1,00€ e, o roteiro por 5,00€, de forma a facilitar a *“leitura”* do circuito da visita ao monumento.



Figura n.º 168: O Centro de Acolhimento e Interpretação das Ruínas de Milreu.

A exposição permanente prima pela diversidade de materiais expositivos apesar de sumária. Contudo, consegue-se entender globalmente, a riqueza patrimonial do sítio:

TEXTO	Mensagem	Texto demasiado descritivo e longo.
	Cor	Preto, sensivelmente carregado. Caracteres de tamanho reduzido.
	Iluminação	Reduzida.
	Língua	Portuguesa; Inglês.
NÍVEL DE INFORMAÇÃO		Adultos, devido a imperar o nível B.
SUPORTE UTILIZADO		Bustos; Maquetas; Placares variados.

Quadro n.º 38: Avaliação da Exposição Permanente no Centro de Acolhimento e Interpretação das Ruínas de Milreu.



Figuras n.º s 169 e 170: Exposição permanente das Ruínas Romanas de Milreu

Quanto à estrutura de apoio ao turista/visitante, verificámos excelentes condições sanitárias para todo o tipo de utilizador e acessos adequados para os mesmos.

O CIRCUITO ARQUEOLÓGICO

Relativamente ao percurso interno das Ruínas de Milreu, destacam-se quatro grandes pontos de interesse cultural e turístico: a área residencial; o balneário; o templo e dois mausoléus Paleocristãs.

No nosso primeiro ponto de visita, pudemos observar, devidamente delineado com placas direccionais e indicativas, a entrada de uma residência com *Peristilo*.

No segundo ponto, visitámos os banhos com todas as suas componentes que apesar de facilmente perceptíveis no terreno, são explicadas em placas.



Figura n. ° 171: Percurso das Ruínas de Milreu.

No terceiro ponto de paragem, observa-se a área residencial, com uma piscina, apontando para vestígios de uma casa senhorial luxuosa. É interessante, um painel de mosaicos de uma das paredes da banheira onde se encontram representados peixes excessivamente obesos, graças à ilusão óptica, provocada pela água.

No último ponto destacam-se os vestígios do Templo romano articulado com os vestígios da época paleocristã. Este ponto é o símbolo das Ruínas de Milreu e está intimamente ligado a motivos religiosos.

Os meios expositivos e complementares que ajudam o turista/visitante a compreender e a situar-se estão devidamente enquadrados em todo o percurso, sendo similares aos utilizados nos restantes sítios arqueológicos visitados: placas de fundo cinzento claro, com letras brancas ou amarelas utilizando respectivamente a língua portuguesa e inglesa. Nelas podemos encontrar uma breve explicação sobre o ponto de paragem específico e ao lado uma planta completa dos vestígios observáveis.



Figura n.º 172: O painel explicativo dos vestígios romanos das Ruínas de Milreu.

Existem, igualmente, placas direccionais, setas vermelhas indicando o rumo que o turista/visitante deverá seguir, de forma a efectuar todo o circuito estipulado.

Efectivamente, o percurso, encontra-se devidamente planificado, apesar das dificuldades que, em termos de locomoção, o turista/visitante possa sentir.

INTERVENÇÃO E MUSEALIZAÇÃO

Este sítio arqueológico foi, primeiramente, estudado pelo arqueólogo Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, em 1877, que considerou que as Ruínas de Milreu teriam sido construídas sobre o centro do comércio romano da época – “*Ossonoba*”. Esta descoberta foi negligenciada e o espaço utilizado como terreno agrícola.

No entanto, perante a sua importância e a riqueza o conjunto foi considerado como Monumento Nacional em 1932. Em 1941, novos trabalhos efectuados por Mário Lyster Franco, contemplaram recuperações nos “*restos de construções, patenteada em muitos sítios, nomeadamente no edifício mais bem conservado mas que apresenta patologias claramente provocadas por sismos.*” (IPPAR - Roteiros da Arqueologia Portuguesa: 2002; 10).

Posteriormente, em 1971 “*iniciaram-se novas escavações sistemáticas bem como trabalhos de restauro dos mosaicos que se prolongaram até finais dos anos 90 e que decorreram sob a responsabilidade do Instituto Arqueológico Alemão, da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa e do Museu Monográfico de Conimbriga.*” (IPPAR - Roteiros da Arqueologia Portuguesa: 2002; 13)

Desde 1997, o sítio arqueológico tem sido objecto de novos estudos, inseridos num projecto cujo tema base incide sobre as *villae* romanas e a sua importância económica na Lusitânia. O projecto está a ser realizado em parceria pela Universidade de Frankfurt (Alemanha), o IPPAR

(Delegação Regional de Faro), as Universidades de Jena (Alemanha), Galway (Irlanda) e Budapeste (Hungria), e a Fundação Fritz Thyssen (Colónia-Alemanha), que o financia.

OS VISITANTES

Um aspecto que poderá constituir um obstáculo à identificação do perfil do turista/visitante é a dificuldade extrema em chegarmos ao próprio sítio arqueológico. De facto, apesar da preciosa informação dos recepcionistas, não conseguimos delinear eficazmente um perfil do mercado-alvo das Ruínas de Milreu.

É de registar o decréscimo ligeiro que o sítio arqueológico tem vindo a sofrer desde 2003 até 2005, sendo neste último ano que se registou uma maior quebra. Este aspecto poderá estar ligado às acções de manutenção do percurso exterior, que tem condicionado as condições de visitabilidade.

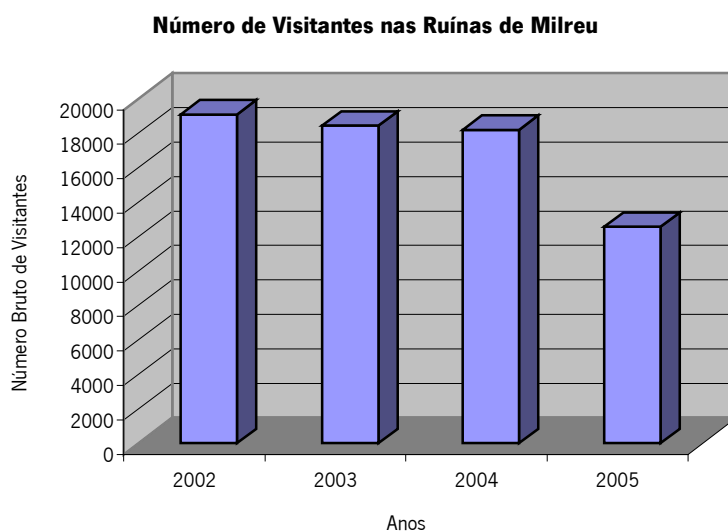


Gráfico n.º 21

Fonte: Inquérito apresentado em Anexo.

Neste local é de particular importância a realização de um inquérito simples no fim de cada visita na perspectiva de aferir e melhorar as relações público/sítio arqueológico.

ANÁLISE SWOT ÀS RUÍNAS DE MILREU

	MILREU
Pontos Fortes	
Importante conjunto patrimonial	●●●
Centro de Acolhimento ao turista/visitante com estruturas de apoio a turistas de mobilidade reduzida	●●●
Parque de Estacionamento próprio	●●●
Itinerário delineado (incluindo a sinalização)	●●●
Oferta de instalações sanitárias	●●●
Informação Turística em várias línguas no Centro de Acolhimento e Interpretação e no circuito	●●●
Exposição permanente compreensível	●●
Estruturas de Acolhimento e Interpretação com funcionários profissionais	●●●

Quadro Avaliativo n.º 49

	MILREU
Oportunidades	
Promover a recuperação e a valorização do Património histórico e arqueológico	●●
Melhoria nos acessos externos	●●●
Crescimento na complementaridade dos circuitos urbanos e culturais e temáticos	●●
Realização de Acções Pedagógicas e Educativas com entidades locais	●●

Quadro Avaliativo n.º 50

	MILREU
Pontos Fracos	
Inexistência da sinalética (acessos exteriores ao sítio)	◆◆◆
Inexistência de Guia	◆◆◆
Acessibilidades e transportes precários	◆◆
Enquadramento territorial devido a existência de pequenas indústrias	◆◆
Falta de monitorização do percurso	◆◆◆
Acessos a pessoas com Mobilidade reduzida no circuito	◆◆

Quadro Avaliativo n.º 51

	MILREU
Ameaças	
Precariedade na sinalética (escassa durante a viagem até Milreu)	◆◆
Falta de estratégias promocionais conjuntas com outro tipo de Património regional	◆◆◆

Quadro Avaliativo n.º 52

Comparando a análise SWOT e os inquéritos – conseguimos identificar algumas diferenças, quanto à existência da sinalética exterior. Se por um lado o inquérito considerou eficaz a sinalética, de facto durante a nossa visita tivemos enormes dificuldades em chegar às Ruínas de Milreu.